

“NUNCA SABEMOS BEM PORQUE DETERMINADA CENA NOS TOCA”

Entrevista com o cineasta

Petrus Cariry

por **Herasmo Braga**

Herasmo Braga - Como se deu o início da sua aproximação com o cinema?

Petrus Cariry - Da forma mais natural possível, no sentido que eu cresci praticamente dentro de um set de filmagem. Tanto visitando as filmagens realizadas pelo meu pai, quando andando na produtora ou vendo-o montar filmes em uma moviola que tinha em um quarto, no quintal da casa onde morávamos. Eu tinha 10 anos (quando ganhei a minha primeira câmera de 16mm, de corda, acompanhei meu pai em uma filmagem em Juazeiro do Norte e rodei um pequeno rolo de negativo de 100 pés. Tudo isto tinha gosto de brincadeira, de descoberta. Para valer mesmo eu comecei bem depois. Também gostava muito de ver filmes, tanto na TV como na videoteca que tínhamos em casa, tínhamos muitas fitas em VHS, com muitos clássicos do cinema, meu pai comprava pelo correio, diretamente das distribuidoras e também trazia muitos filmes das suas viagens para o exterior.

Em que momento ou circunstância o motivaram para sair da condição de espectador para a produção cinematográfica?

As filmagens pra valer só vieram bem depois. Em verdade, eu demorei muito para aceitar a minha vocação para o cinema. Eu tinha medo das comparações com cinema do meu pai, que já tinha uma carreira consolidada, já era um

nome importante do cinema no Nordeste, naquele tempo. Eu era guitarrista de uma banda de rock, divertia-me em pequenas festas. Eu fazia música, mas no fundo mesmo eu queria fazer cinema. Então, aconteceram várias mudanças em minha vida, acontecimentos de “destino” que foram me empurrando para o cinema. Aos vinte e três anos me casei, fiz meu primeiro curta, tive minha primeira filha e desde então, nunca mais parei de fazer e pensar cinema. Descobri o cinema como uma vocação forte. Hoje estou plenamente dedicado ao cinema e gosto muito do que faço. Tenho pelo cinema uma grande dedicação.

Quais foram as dificuldades iniciais nos seus trabalhos e as sensações nas realizações deles?

Acho que as minhas dificuldade iniciais foram mesmo de domínio de linguagem, a questão não era apenas ter o que contar, mas também como contar, de forma expressar aquela ideia que tinha em imagens. Nesse sentido, fui crescendo passo a passo, amadurecendo na forma de tratar a imagem, de narrar... Uma coisa positiva é que passei por todos os estágios do cinema... Fui assistente de estúdio, depois editor de imagens e de som, fui aprendendo a iluminar, a fotografar, a dirigir... A medida que eu passava a dominar a técnica e procurava a compreender conceitos e estéticas, lendo livros de forma autodidata, fui me sentindo mais seguro. Além desses exercícios, práticos e cotidianos, eu também via sempre muitos filmes.

Entre as suas influências quais as que mais o marcaram? E por quê?

Na infância foram mesmo os desenhos animados e seriados de TV... Depois na adolescência, na juventude, fui vendo os filmes de Stanley Kubrick, David Lynch, Tarkovsky, Ozu e Glauber Rocha. Não apenas esses grandes diretores, monstros sagrados do cinema, mas também os chamados diretor de filme B, cujos filmes terminam nos marcando também. O certo é que vi muitos filmes

de muitos diretores, até chegar no cinema contemporâneo (citar alguns) feito na Ásia, na Europa no Oriente próximo. Nós nunca sabemos bem porque determinada imagem ou cena nos toca de determinada forma a alma e termina marcando nossas vidas e impulsionando-nos para novas descobertas estéticas.

Percebemos que seus filmes são muito próximos da visão que um leitor tem ao se deparar com uma obra literária. Um olhar contemplativo, reflexivo e de participação no desenvolvimento do enredo. Você busca essa construção deste olhar para os seus filmes?

Essa construção foi surgindo, pouco a pouco, e de forma marcada, dentro do meu cinema. Fui percebendo e aperfeiçoando esse olhar. A câmera mais contemplativa dentro de cenografia mais austeras, embora eu busque uma concepção de fotografia de inspiração barroca ou transbarroca, através dos claros e escuros, à maneira de Rembrandt e de outros mestres daquele período de ouro da pintura. Revisitei também alguns pintores Zen japoneses, com suas paisagens marcadas por tantos vazios... Duas coisas aparentemente contraditórias, como o barroco e a pintura Zen, terminam lhe apontando novos caminhos, pelo choque mesmo. Depois de compor o quadro, tendo como inspiração, muitas vezes, os grandes pintores, gosto de desenvolver a ação e a mise-en-scène, dentro da tela, do quadro. É como se eu imaginasse os quadros inicialmente percebidos como estáticos (*tableaux vivants*) em movimento. Gosto desse ritmo lento de entrada, saídas, fugas e aproximações na construção de uma ação narrativa ou mesmo de um instante mais reflexivo.

Em relação à crítica de cinema contemporânea como você a avalia? De alguma maneira ela influência no seu trabalho?

Hoje é impossível separar o que você faz em Fortaleza, em Recife ou Belo Horizonte, do que é feito em Lisboa, em Pequim em Tóquio ou em Kuala Lumpur. Esse cinema chega ao mundo todo através da internet e existe uma

grande rede de influências, embora possamos guardar o nosso DNA específico da cultura e da região onde nascemos. Acho que a crítica contemporânea pode trazer reflexões preciosas, mas o artista não pode se guiar apenas por isso, ele precisa apostar em seu “espírito” particular, em seus próprios estudos, em seus instintos, em seus processos conscientes e inconscientes. A questão não é apenas de “ser aceito” ou “não aceito” por determinado grupo que possa deter, em determinado momento, algum poder simbólico e de decisão sobre o que bom ou não. Acho que a questão é bem mais profunda, vai além da crítica circunstancial e da própria inserção no mercado de bens simbólicos, no sentido que o cinema também é algo da nossa alma que se completa na alma dos outros, através de diferentes leituras dos símbolos e dos processos psíquicos e significativos que desencadeia. Um processo bem complexo, quanto à importância ou não de um filme ou de uma cinematografia, só o tempo pode dizer.

Como você avalia a receptividade dos seus longas “Mãe e Filha” e “O grão”?

“Mãe e Filha” foi o meu segundo longa-metragem, um processo muito intenso, no sentido de que foi realizado com uma pequena equipe e buscando uma densidade que o tema exigia. A minha primeira experiência com um longa foi “O Grão”, que foi um filme que circulou bastante em festivais e ganhou mais de 30 prêmios. “Mãe e Filha” também teve uma boa aceitação e, circulou bastante e ganhou prêmios significativos. Fiquei contente com o resultado dos filmes. Eu acho que eles foram bem recebidos, principalmente no circuito de festivais, pois a distribuição para esse tipo de filme, rotulado como “filme de arte”, é sempre difícil. A proporção em que cresce a população no Brasil diminui o público para o cinema de arte ou o cinema de linguagem ou mais experimental. Nem por isso acho que devemos nos render ao cinema de entretenimento. Temos aqui um bom motivo para reflexão e

para o desafio. Existem algumas perguntas que precisamos responder com urgência: o que está acontecendo com o público do cinema no Brasil, em salas comerciais? Que modelo de mercado é esse que foi montado? Serve a quais interesses? Por que não se criou circuitos diferenciados de exibição, como por exemplo, uma rede de cinema universitários ou se equipou decentemente os cineclubes, inclusive com a pontuação de ingressos?

E quais diferenças marcantes você ver entre esses seus primeiros longas e agora com o seu filme mais recente "Clarisse ou alguma coisa de nós dois"?

Sinceramente eu não penso muito nisso, no sentido de marcar essas diferenças, de forma mais sistematizada, mais acadêmica. “O Grão” tem uma história simples e bonita, tocante no sentido das perguntas existenciais e da pulsação da vida em relação à morte. “Mãe e Filha” tem uma experiência sensorial bem intensa e marca um conflito entre gerações, entre as “ruínas do passado” e as “ruínas do futuro”, simbolizada no enfrentamento da jovem com os quatro cavaleiros do apocalipse. Não é um filme otimista. “Clarisse ou Alguma Coisa sobre nós dois” tem um clima mais psicológico, remexe fantasmas sepultados na alma e adormecidos no inconsciente, no embate de uma filha com o pai que representa um comportamento necrófilo - ele está sempre empalhando animais, espetando borboletas, matando e classificando o que está vido, fazendo contas, falando de negócios, devastando a natureza com um pedreira que explode a serra onde ele mesmo mora, enquanto uma doença o consome e apodrece a sua carne. Nesse passar a vida a limpo, a dor tem presença marcante e a morte inicia um novo processo que nasce simbolizado por um sangue que jorra de forma vital. Clarisse busca a sua sanidade e a pulsação de Eros. É um filme tenso, às vezes pesado, para algumas pessoas chega a ser doloroso pois pode remexer as feridas que todas as pessoas têm dentro de si. De comum entre os três filmes temos o tema da

“morte”. Com “Clarisse” eu encerro essa “trilogia da morte” e agora, no meu próximo filme, “O Barco”, vou experimentar um a linguagem de espaços mais abertos e ensolarados. Estou bastante animado para essa nova aventura.

Petrus Cariry nasceu em Fortaleza, Ceará, em 1977. Dirigiu os filmes *O Grão* (2007); *Mãe e Filha* (2011); *Clarice ou Alguma Coisa sobre Nós* (2015); além de diversos curtas.

Herasmo Braga é ensaísta, crítico literário e, ao lado de Adriano Lobão, escreve na coluna Toda Palavra no Jornal Diário do Povo, Teresina, PI. Professor Assistente da Uespi- coordenador do grupo de pesquisa NENIN. Autor do livro *Singularidade da Poesia Negra Brasileira: Luiz Gama*.